



Sefer Malki-Tsedek

Livro de melquisedeque

Editado por: Willians S. Ladeia



Sumário

A História de um Vaso	5
Capítulo 1	5
Capítulo 2	6
Capítulo 3	8
Capítulo 4	12
Capítulo 5	15
Capítulo 6	18
Capítulo 7	20
Capítulo 8	26
Capítulo 9	27
Capítulo 10	31
Capítulo 11	32
A História de Shalém	33
Capítulo 1	33
Capítulo 2	35
Capítulo 3	37
Capítulo 4	39
Capítulo 5	42
Capítulo 6	44
Capítulo 7	48
Capítulo 8	51



Capitulo 9	55
Capitulo 10	58
Capitulo 11	60
Capitulo 12	63
Capitulo 13	65
Capitulo 14	69





A História de um Vaso

Capítulo 1

Estava descansando sob a sombra do Carvalho de Mambré junto à minha tenda, quando vi chegar apressadamente um dos servos de meu sobrinho Lót. Quase sem fôlego, ele passou a me relatar sobre a tragédia: Houvera no dia anterior uma batalha entre as cidades da planície, envolvendo quatro reis contra cinco. Como resultado, Shedom fora derrotada e muitos de seus habitantes levados cativos, entre eles o meu sobrinho Lót. A notícia me deixou muito aflito, pois ao mesmo tempo em que sentia que precisaria sair em seu socorro, me via fragilizado, sem nenhuma condição. Sempre fui um homem pacífico e detesto aqueles que derramam sangue. Tenho muitos servos, mas poucos sabem manejar espadas e lanças, pois desde à infância são treinados como pastores. Em lugar de espadas e lanças, eles manejam bordões com os quais conduzem os rebanhos; Em lugar de escudos, eles carregam vasos em suas cinturas, sempre cheios de água fresca, para matarem sua sede e refrigerarem as ovelhas aflitas; Em lugar de vinho para se embebedarem, carregam presos em seus cintos pequenas botijas com o azeite das oliveiras, com os quais untam as feridas do rebanho; Em lugar de ressonantes trombetas, eles sopram pequenos chifres, com os quais convocam o rebanho para o curral Imaginando como seria um combate entre os meus servos e os exércitos daqueles cinco reis vitoriosos, comecei a rir. Enquanto gargalhava, a voz dAquele que sempre me guia, soou aos meus ouvidos, dizendo: Abraham, Abraham! Não menospreze os instrumentos dos pastores, pois santificados pelo fogo do sacrifício, haverão de conquistar o grande livramento. O Eterno passou a me dar ordens, me fazendo avançar pela fé, sem saber como tal livramento haveria de se realizar. O primeiro passo foi a convocação de todos os pastores que, deixando seus rebanhos,



se dirigiram ao Carvalho de Mambré, trazendo seus instrumentos pastoris. Eram ao todo seiscentos pastores. Ordenei que esvaziassem os jarros, colocando neles o azeite da botija. Depois de cumprirem esta ordem, pedi que tomassem cada um a lã de uma ovelha, misturando-a com o azeite dos jarros. Depois destas coisas, Ehyeh me mandou tomar um grande vaso de barro, enchendo-o até a metade com o azeite das oliveiras. Ao concluir esta tarefa, o Senhor me mandou fazer um longo pavio de lã, enfiando a metade dentro do azeite e deixando a outra parte presa acima do vaso. Depois destas coisas, Ehyeh me ordenou acender o pavio, com o fogo do altar. Ao me aproximar do fogo sagrado que ainda ardia sobre o sacrifício da manhã, uma pequena fagulha saltou para o pavio, e pouco a pouco foi-se alimentando do azeite, até se tornar numa labareda que podia ser vista de longe.

Capítulo 2

Com o vaso nos ombros, comecei uma caminhada rumo às cidades da planície, sendo acompanhado pelos pastores. Logo começaram a surgir escarnecedores que, ao me verem com aquele vaso incandescente em pleno dia, e passaram a dizer que eu ficara louco. Ao espalhar esta notícia, muitos vieram ao meu encontro, trazendo conselhos para que eu abandonasse aquele vaso que seria capaz de destruir toda a minha reputação e dignidade diante de todos eles. Quando eu os falei sobre os exércitos e sobre minha missão juntamente com os pastores, eles concluíram que de fato eu ficara louco. Tentaram me tirar o vaso pela força, mas me agarrando a ele, impedi que o tirassem de mim. Envergonhados diante de tudo isto, muitos pastores começaram a se afastar: alguns retornaram para suas tendas enquanto outros se uniram àqueles que riam de meu comportamento estranho. Me sentindo sozinho com aquele



pesado vaso sobre os ombros, comecei a me angustiar. Ansiava encontrar alguém com quem pudesse compartilhar minha experiência, mas todos me lançavam olhares de reprovação. Me lembrei de Sarah, minha amada esposa; Em obediência a Voz de Ehyeh havíamos trilhado por muitos caminhos, estando Sarah sempre ao meu lado, me animando a prosseguir mesmo nos momentos mais difíceis. Com certeza Sarah me traria consolo e forças para continuar firme, conduzindo o vaso da salvação. Enquanto avançava pelo caminho pensando em Sarah, a vi no meio da multidão. Ao me dirigir a ela, fiquei surpreso e desalentado ao ver em seus olhos o mesmo menosprezo daqueles que me chamavam de louco por conduzir em pleno dia chama que se desprendera do altar. Me lembrando da ordem de Ehyeh de que teria de libertar meu sobrinho Lót, fui andando sozinho pelo caminho; Ao me colocar no lugar daqueles que me achavam louco, eu os dava razão, pois em condições normais, nenhuma pessoa coerente sai de casa, sem rumo definido, levando em pleno dia um vaso com uma labareda nas costas, afirmando estar marchando contra o exércitos de cinco reis, para libertar um parente. Realmente da a entender que se trata da manifestação de uma grande loucura. Mesmo assim, a despeito de todas as humilhações e palavras que falavam contra mim, eu avançava rumo ao vale desconhecido. Toda aquela zombaria foi finalmente diminuindo, à medida em que eu me distanciava do Carvalho de Mambré. Começaram a sobrevir ao meu coração muitas dúvidas quanto ao meu futuro. Ficava às vezes aflito com o pensamento de toda a minha experiência, desde a convocação dos pastores até aquele momento, poderia ser, de fato, demonstrações de uma loucura. Cheio de dúvidas,



comecei a pensar na possibilidade abandonar à beira do caminho o vaso, retornando para junto do altar. Esses eram os conselhos alguns pastores e amigos que, condoídos de minha solidão, ainda vinham ao meu encontro, me aconselhando a retornar; Ali, diziam, eu poderia conquistar novamente a confiança dos pastores, voltando a ser, quem sabe, até mesmo um sacerdote honrado como outrora. Sobre o altar, diziam, havia um fogo muito maior que aquele que eu carregava nos ombros. Estava a ponto de retornar, quando Sarah veio ao meu encontro, me contando sobre o desprezo que muitos pastores lançavam contra mim; Ela estava consternada, pois toda aquela desonra, recaía também sobre ela, ao ponto de não sentir mais desejo de permanecer junto daquele altar. Depois de me alertar, Sarah passou a me falar de um plano: Poderíamos, quem sabe, nos mudar para uma cidade distante, onde esqueceríamos todo aquele vexame. Me esquecendo da voz que me mandara seguir rumo à planície, respondi para minha esposa que eu estaria disposto a acompanhá-la para qualquer lugar, se ela permitisse que eu levasse o vaso. Ele seria o nosso altar, aquecendo e iluminando nossas noites com sua chama. Ao ouvir sobre o vaso, Sarah voltou a se irar, afirmando não entender minha teimosia em continuar levando sobre os ombros aquele símbolo de vergonha e desprezo. Depois me dizer tais palavras, me voltou as costas, retornando para a tenda.

Capítulo 3

Angustiado em não poder realizar o sonho de Sarah, prossegui rumo ao futuro incerto, sendo orientado unicamente pela chama, cujo brilho aumentava à medida em que as trevas se adensavam. Comecei então a meditar sobre aquela chama



que me acompanhava com seu brilho e calor. Eu estava acostumado a ver o Fogo Sagrado entronizado sobre um grande altar de pedras, em meio aos louvores de muitos pastores, dentre os quais eu me destacava como mestre e sacerdote. Naqueles momentos de adoração, eu me vestia com os melhores mantos, e fazia questão de realizar o sacrifício, somente quando todos os meus servos estivessem reunidos ao meu redor, para que ouvissem meus conselhos e advertências. Na hora do sacrifício, eu erguia para o céu minha espada desembainhada, e, com palavras amedrontadoras, proclamava a grandeza do Ehyeh dos Exércitos, o El-Shaday¹ que domina sobre os Céus e a Terra. Vibrando a espada no ar num movimento ameaçador, eu representava diante de meus pastores, a imagem de um Elohim severo, que está sempre pronto a revidar qualquer afronta. Depois dessa demonstração de soberania e poder, eu pegava uma ovelha das mãos de um pastor, e a amarrava sobre o altar. Para que ficasse bem patente a ira divina, eu pisava sobre o seu pescoço, a golpeando severamente, até vê-la perecer. Naquele momento eu descia do altar, e ficava esperando pelo Fogo Sagrado que jamais deixou de se manifestar sobre o sacrifício. Eu aprendera desde a infância a reverenciar o Fogo Sagrado, crendo ser ele uma revelação visível de Ehyeh, o Grande Elohim Invisível. Até então, eu o vira como um Fogo Único e Indivizível. Agora, ao transportar em humilde jarro a chama que se desprendera do

¹ *Falou mais Deus a Mosheh, e disse: Eu sou o Yehuah. E eu apareci a Abraham, a Yts'hak, e a Ya'akob, como o El-Shaday; mas pelo meu nome, o Yehuah, não os fui perfeitamente conhecido. Shemot(Êxodo) 6:2-3. Por isso troquei por Ehyeh, pois Abraham não conhecia o nome do Eterno.*



Altar, meus pensamentos agitavam-se com o surgimento de um novo conceito sobre o Criador: O conceito de um Elohim Sofredor que é capaz de se desprender do Grande Ehyeh, representado pelo Fogo Sagrado, para acompanhar o pecador em sua jornada. Arrependido, me prostrei diante do vaso e chorei amargamente. Tinha agora consciência de que todo o zelo demonstrado junto ao Altar, tinha por finalidade a exaltação de meu orgulho, e não do amor daquele que me acompanhava pelo caminho. Subitamente, se gravou na minha mente a convicção de que aquela pequena chama que se desprendera do Fogo Sagrado, era uma representação do Mashiah, que Se desprenderia do Grande Ehyeh, para ser o Ymanu-el², companheiro em todas as nossas jornadas. Ao me sobrevir esta convicção, a chama se alegrou, se tornando mais brilhante e calorosa. Com o coração transformado, prossegui pelo caminho rumo ao vale, levando nos ombros o jarro que me trouxera depois de tanto desprezo, a alegria de uma nova revelação sobre o caráter do Criador. Momentos difíceis começaram a surgir em minha caminhada, quando ventos frios vindos do mar salgado começaram a se arremeter contra a pequena chama, procurando apagá-la. Eu a amparava com o meu corpo, andando muitas vezes de lado e mesmo de costas, mas sempre avançando rumo ao vale. Ao romper a luz do dia, me achei a um passo da planície. Comecei a encontrar pelo caminho muitos rebanhos que eram conduzidos por rudes pastores. À medida em que avançava entre eles, surgiam tumultos e confusões, pois muitas ovelhas e cabras se assustavam com o meu vaso ardente, se debandando por todas

² *Immanuel* (יְהוֹשֻׁעַ): *Deus conosco, Deus está conosco.*